

## O TRAÇO SUBJETIVO E O FASCÍNIO DO FENÔMENO URBANO NA CRÔNICA DE VIAGEM DE MARIA GRAHAM

Isadora Eckardt da Silva (Mestranda, UNICAMP)

[isadora\\_eckardt@hotmail.com](mailto:isadora_eckardt@hotmail.com)

**RESUMO:** No presente trabalho será analisado o livro *Diário de uma viagem ao Brasil*, escrito pela inglesa Maria Graham entre os anos de 1821 e 1823. Serão utilizados como referencial teórico o livro *Os olhos do império*, de Mary Louise Pratt, e *O Brasil não é longe daqui: o narrador, a viagem*, de Flora Süssekind. Conforme estes ensaios, os relatos dos viajantes do século XIX seguiam duas correntes distintas: eram de cunho objetivo, com conteúdo científico, ou de cunho subjetivo, contendo impressões pessoais dos viajantes. O texto de Maria Graham segue a corrente subjetiva, pois a autora propõe como centro da narrativa as suas experiências pessoais, as quais estão impregnadas das emoções decorrentes da viagem. Esta narrativa se passa quase toda em espaços urbanos, e as impressões da viajante ante o fenômeno da cidade serão analisadas utilizando-se como referencial teórico as reflexões de Walter Benjamin sobre o fenômeno da metrópole; e também as idéias de José Carlos Barreiro, que analisa o imaginário dos viajantes europeus que vieram ao Brasil no século XIX, e suas concepções quanto às nossas cidades.

**Palavras-chave:** Literatura de viagem, Maria Graham, subjetividade

Entre os séculos XVIII e XIX, com tantos exploradores dispostos a desbravar os recantos ainda desconhecidos do mundo, o Brasil se tornou uma terra muito visada

pelos viajantes, pois além de ser em grande parte ainda desconhecida de todos, era uma terra considerada fonte de muitas riquezas e recursos naturais, o que incitava a curiosidade e interesse das potências européias.

Neste ensaio, especificamente, pretende-se analisar o *Diário de uma viagem ao Brasil*, relato de viagem do século XIX, escrito pela britânica Maria Graham que entre os anos de 1821 e 1823 esteve no Brasil visitando as províncias de Pernambuco, Bahia e Rio de Janeiro. Ela transitou por nossas principais cidades presenciando os fatos que envolveram o processo de independência. Nesta época, apesar de os relatos dos cientistas estarem em voga, havia também os dissidentes, como era o caso de Graham, ou seja, viajantes que não eram naturalistas e que não partilhavam dos mesmos objetivos destes, cujos relatos, conseqüentemente, possuíam características próprias.

Em *Os olhos do Império*, Marie Louise Pratt denomina “relato sentimental” a corrente subjetiva das crônicas de viagem dos séculos XVIII e XIX, dizendo que “Paradas noturnas são caracterizadas não pelo lugar em que acontecem, mas pelo que as pessoas fazem lá. Não há qualquer descrição da paisagem. A natureza está presente apenas na medida em que atua sobre o mundo social (...)”. (PRATT, 1999, p. 139) Nesta corrente das narrativas de viagem a paisagem fica em segundo plano, e quando há descrição desta, não há uma preocupação em necessariamente descrevê-la da maneira mais fiel e detalhada possível. O centro do relato é o narrador e seus pensamentos, pois é através da subjetividade do viajante que o leitor perceberá os lugares e os acontecimentos. Pratt ainda comenta que

O relato sentimental se baseia explicitamente naquilo que está sendo expresso na experiência sensorial, juízo, agência ou desejos dos sujeitos humanos. A autoridade reside na autenticidade da experiência sentida por alguém. (PRATT, 1999, p. 140)

Com esta ênfase no elemento humano é possível perceber que os relatos de cunho subjetivo constam de impressões pessoais da parte dos viajantes sobre os lugares pelos quais passavam. Nestes textos há ênfase na presença humana, pois estes viajantes propõem como centro da narrativa suas experiências pessoais, as quais estão impregnadas das emoções decorrentes da viagem.

Em *O Brasil não é longe daqui: o narrador, a viagem*, Flora Süssekind também aponta para a existência da corrente subjetiva dos relatos de viagem da época, pois estes textos não obedeciam às regras de nenhuma Academia Científica. A autora observa que estes viajantes não-cientistas não tinham o “olhar-armado” dos naturalistas, pois eles possuíam uma maneira diferente de observar o ambiente:

Olhos e ouvidos ao léu, é também como observadores da Natureza e dos costumes que se comportam esses viajantes não-cientistas e redigem, sob formas diversas – epístolas, diário, memórias, relatórios – os seus relatos. Observadores bastante diversos, entretanto, dos cientistas-viajantes também em trânsito na época. (SÜSSEKIND, 1990, p. 115)

Portanto, estes “olhos e ouvidos ao léu” do viajante da corrente subjetiva demonstram uma maneira diferente de observar o ambiente. Estes viajantes não tinham o objetivo de captar todos os detalhes a sua volta ou de coletar elementos de flora e fauna, por exemplo. Eles descreviam a paisagem, mas de uma maneira mais ao acaso, dando atenção àquilo que influenciava suas emoções.

Assim se observa um outro aspecto das narrativas de viagem da corrente subjetiva, que é o fato de estas não serem impessoais, ou seja, os narradores não apagavam a presença humana da paisagem. Süssekind também observa este aspecto ao comentar que nos relatos subjetivos “o sentimento do mundo sintoniza-se ao autoconhecimento, o aprendizado é sempre também de si mesmo.” (SÜSSEKIND, 1990, p. 110) Há aqui um

movimento de reflexão da parte do narrador, este expõe ao leitor o que ele pensa e sente ao realizar a sua jornada de viajante.

Maria Graham pôde observar em todos os lugares por onde passou na América do Sul os processos de independência que estavam em plena ebulição, sempre demonstrando muita curiosidade diante destes acontecimentos e de tudo que fosse novidade para ela. A viajante passou boa parte de sua estada no Rio de Janeiro, gozando de uma certa intimidade com a família real, esteve presente em reuniões de políticos e tinha contato com algumas pessoas deste meio, que lhe forneciam informações sobre a situação do governo em relação a Portugal. Graham também presenciou vários fatos importantes do processo de independência do Brasil, como os acontecimentos do Dia do Fico, o qual registra em seu diário:

Houve ontem uma reunião da Câmara do Rio e, após uma curta deliberação, os seus membros foram em procissão, acompanhados de grande concurso de povo, ao Príncipe, com uma enérgica petição contra a sua saída deste país e uma viva súplica para que ele ficasse no meio de seu fiel povo. S. A. R. recebeu-os gentilmente e respondeu que, desde que parecia ser a vontade de todos, e para o bem de todos, ele permaneceria. Esta declaração foi recebida com gritos e com entusiasmo, correspondidos com descarga de artilharia e com todos os sinais de regosijo (sic) público. (GRAHAM, 1990, p. 217)

O aspecto subjetivo deste relato se manifesta através das impressões da narradora, ou seja, Maria Graham geralmente dá sua opinião pessoal, e por vezes, deixa transparecer a sua curiosidade e o seu fascínio perante o novo e o desconhecido. A narradora também expressa seu estado de espírito, ocasionalmente informando ao leitor se está triste ou feliz, bem ou mal disposta, etc. Ao relatar todas estas coisas ela chega a ser poética em alguns momentos.

A principal evidência deste cunho subjetivo da narrativa é, ao longo de todo o texto, a presença constante de certos adjetivos, tais como: “esplêndido”, “pitoresco”,

“lindo” e “triste”. Também a presença de certos advérbios, tais como: “alegremente” e “repugnantemente”. A natureza destas palavras não serve para relatos científicos, pois não dão uma noção exata das coisas, já que quem atribui seu valor é quem os usa, podendo estes variarem de pessoa para pessoa. O emprego desta espécie de palavras pode ser encontrado ao longo de praticamente todas as situações narradas no diário, como por exemplo:

A tarde estava encantadora e passamos através de muitas ilhas risonhas (sic) promontórios alegremente arborizados, coalhados de jardins e casas de campo e de onde partem cada manhã para a cidade provisões, em inúmeros barcos e canoas através da baía. Nossa primeira impressão de Nossa Senhora da Luz foi uma alta margem vermelha, meio coberta de grama e árvores, erguendo-se sobre a água no sol da tarde, tal como Cuyp teria escolhido para um quadro. (GRAHAM, 1990, p. 235)

Nesta passagem, a narradora demonstra encantamento diante da Fazenda Nossa Senhora da Luz, no Rio de Janeiro, inclusive comparando a paisagem com as dos quadros do paisagista holandês Albert Cuyp. Neste trecho, como se pode observar, a autora faz uso de palavras como “encantadora” para falar da tarde, e quando fala das ilhas a narradora as personifica, lhes atribuindo o termo “risonhas”, usado para descrever pessoas. Ela também personifica os promontórios ao lhes atribuir alegria quando afirma serem eles “alegremente arborizados”.

Além destes termos que mostram a subjetividade da narradora, isto também se manifesta através da irritação desta viajante ante o atraso de nosso país. Sendo Maria Graham professora de literatura, ela expressa sua opinião sobre a falta de cultura do povo que habitava a Capitania de Pernambuco ao apontar com certa indignação para fatos como os nomes da literatura e da ciência serem pouco conhecidos pelo povo; o

colégio e a biblioteca, instituições que deveriam difundir conhecimento, estarem em decadência; e a falta de bons jornais:

Aqui até os nomes da literatura e da ciência são quase desconhecidos. O colégio e a biblioteca de Olinda estão em decadência. Não há um só livreiro em Pernambuco e a população de suas diversas freguesias sobe a setenta mil almas! Um jornal toleravelmente bem escrito, do qual não consegui arranjar o primeiro número, fundou-se em março. (GRAHAM, 1990, p. 141)

Graham também expressa seu toque pessoal ao longo do texto quando faz críticas ferrenhas à escravidão. Ela põe sentimento quando toca neste assunto e se mostra profundamente incomodada com a escravidão, sempre demonstrando repúdio a tal meio de trabalho:

Não tínhamos dado cinquenta passos no Recife quando ficamos inteiramente perturbados com a primeira impressão de um mercado de escravos. Era a primeira vez que tanto os rapazes quanto eu estávamos num país de escravidão, e por mais que os sentimentos sejam penosos e fortes quando em nossa terra imaginamos a servidão, não são nada em comparação com a visão tremenda de um mercado de escravos. (GRAHAM, 1990, p. 134)

Como a própria autora referiu, além de não mais haver escravidão em sua terra natal, a Inglaterra, era também a primeira vez que ela visitava um país que utilizava este meio de trabalho. O que fazia com que ela ficasse duplamente chocada, pois além de não concordar com a escravidão, esta era uma novidade para ela.

Outra característica deste relato de Graham é o fato de, além de incluir sua própria pessoa na narrativa, também comunicar ao leitor seu estado de espírito, como no trecho em que ela se mostra profundamente entristecida quando da morte de seu marido, o capitão Thomas Graham, que já se encontrava doente fazia algum tempo. Neste momento então se observa um estado de espírito profundamente entristecido. Além de falar da sensação de tristeza, ela também expressa solidão, lamentando o fato de seus familiares estarem tão longe neste momento tão difícil:

Chegamos hoje à costa do Chile. Continuei a escrever meu diário regularmente, mas ainda que perto de dois anos tenham se passado desde que o escrevi, não tenho ânimo para copiá-lo. O de três de abril em diante tornou-se o registro de um agudo tormento. De minha parte esperanças e temores alternados através de dias e noites de escuridão e tempestades, que agravam a desgraça dessas horas desgraçadas. Na noite de nove de abril, pude despir-me, e ir para a cama pela primeira vez desde que deixei o Rio de Janeiro. Estava tudo acabado; dormi longamente e descansei; quando acordei foi para tomar consciência de que estava só, e viúva, com um hemisfério entre mim e meus parentes. (GRAHAM, 1990, p. 251)

A narradora também se mostra curiosa em relação às pessoas que habitavam nosso país e tenta sempre compará-las com os ingleses. Quando estava na Capitania de Pernambuco ela manifesta sua subjetividade através da curiosidade em saber como eram as casas brasileiras, que eram de famílias portuguesas, e assim poder compará-las com as casas de famílias inglesas: “Após terminar minhas compras, fui procurar uma família portuguesa, e como fosse a primeira casa portuguesa em que ia entrar, estava curiosa em verificar a diferença entre ela e as casas inglesas daqui.” (GRAHAM, 1990, p. 158)

Mas a curiosidade de Maria Graham vai além, chegando a soar como fascínio quando ela está vendo alguma coisa pela primeira vez, sente muito prazer ao estar em algum lugar ou está a contemplar uma determinada paisagem. Um exemplo disto é quando ela se mostra curiosa ao chegar a Recife e descobrir que a cidade estava em estado de sítio, pois nunca tinha visto uma cidade nesta situação. Por essa razão, decide desembarcar de qualquer maneira, e assim que desce do navio, fica tomada de encantamento pelo novo lugar: “Tudo isso sabia eu antes de desembarcar e pensava estar bem preparada para ver Pernambuco. Mas não há preparação que evite o encantamento de que se é tomado ao entrar neste porto extraordinário.” (GRAHAM, 1990, p. 129)

Em outros momentos a narradora chega a ser poética, como no trecho em que ela fala na sua sensação ao navegar sobre águas, o que, segundo ela, pode trazer uma sensação de triunfo, ou aproximar-se do sublime, quando o oceano está agitado, descrevendo as ondas como se tivessem vontade própria, insolentes e ameaçadoras:

Há sempre alguma coisa de triunfante na sensação de navegar sobre as ondas. Mas quando elas estão insolentes pela tempestade, ou ficam ameaçadoras pelas rochas ou bancos de areia, o triunfo aproxima-se do sublime; há nele um secreto temor, ainda que não das águas, e uma elevação da alma até Aquele que criou o oceano e deu ao homem inteligência para dominá-lo. (GRAHAM, 1990, p. 156)

Além da tendência de Maria Graham de falar sobre a sua pessoa, seus sentimentos e sensações ante o mundo a sua volta, uma outra característica de seu relato é a predominância de passagens descrevendo espaços urbanos. Ela não era uma viajante naturalista, e por isto acabou passando muito mais tempo nas maiores cidades de nosso país, seu diário é escrito quase todo nas cidades de Recife, Salvador e Rio de Janeiro.

Por volta do século XIX, quando ela aqui esteve, nossas capitais não se comparavam a metrópoles européias. Porém, já haviam se esboçado em nosso país cidades relativamente grandes, e esta viajante observou e registrou suas impressões de nossas cidades, que ainda estavam dando seus primeiros ares de metrópole. Segundo o teórico Walter Benjamin, no século XIX, a imagem da metrópole fazia parte do que ele chamou de sonhos coletivos, que se materializaram nas construções que formaram as grandes cidades e que estariam fundando o que viria a ser a identidade do século XX.

Sendo assim, esta época é muito interessante para se observar o “fenômeno urbano”. Willi Bolle, em *Fisiognomia da metrópole moderna*, baseado nas idéias de Benjamin, afirma que é entre os séculos XIX e XX que há

(...) o choque entre, de um lado, os ideais da “modernização” e do “progresso” e, de outro, o atraso e a barbárie reais: com relação à população mundial aumentaram a pobreza e a miséria, graves problemas econômicos continuam sem solução, os valores do humanismo caíram em descrédito, e em toda a parte observa-se uma decadência da ética política e um aumento da violência e da destruição. O conceito de metrópole (“cidade mãe”), uma categoria histórica que ressurgiu na era do imperialismo oitocentista com as cidades de Londres e Paris (a “capital do século XIX”), revela-se, juntamente com sua contraparte, a “periferia”, um instrumento útil de reflexão sobre as relações entre países altamente desenvolvidos (hegemônicos) e atrasados (dependentes). (BOLLE, 2000, p. 18)

No século XIX as metrópoles estavam apenas surgindo (ou ressurgindo), e no Brasil ainda não havia metrópoles propriamente ditas. E isto pode ser comprovado no trecho em que Maria Graham descreve a sua primeira vista de duas cidades brasileiras, Olinda e Recife:

O nome de Pernambuco, que é o da capitania, é agora geralmente aplicado à capital, que consiste em duas partes: 1ª a cidade de Olinda, que foi fundada pelos portugueses, no governo de Duarte Coelho Pereira cerca de 1530 ou 1540. Como o nome dá a entender, é uma linda localidade, onde os morros moderados, mas abruptos, um belo rio, e uma espessa floresta, combinam-se para o encanto dos olhos. Mas a chegada por mar deve ter sido sempre difícil, se não perigosa. – 2ª, a cidade do Recife de Pernambuco, feita pelos holandeses, no governo de Maurício de Nassau, e chamada por eles cidade Maurícia. É uma localidade singular, adequada para o comércio. Fica em diversos bancos de areia, separados por angras de água salgada e pela foz de dois rios de água doce, ligados por três pontes e divididos em igual número de bairros: Recife, acertadamente chamado, onde estão as fortificações, o arsenal e o comércio; Santo Antônio, onde estão o palácio do Governo, as duas igrejas principais, uma para os brancos e outra para os pretos; e Boa Vista, onde moram os comerciantes mais ricos, ou os habitantes mais desocupados, entre os seus jardins e onde os conventos, as igrejas e o palácio do bispo dão um ar de importância às habitações muito elegantes em torno deles. (GRAHAM, 1990, p. 128)

Temos aqui a descrição de duas cidades que estavam apenas desabrochando, pois há ainda farta descrição de elementos naturais como morros e bancos de areia, rios, floresta, etc, e menos descrição de elementos citadinos propriamente ditos como ruas e prédios, por exemplo. A narradora sequer menciona estas coisas na cidade de Olinda, e quando fala em Recife, primeiro ela descreve os rios para depois relatar sua divisão de bairros, que é um elemento citadino. Somente quando menciona a divisão de bairros é que a autora vai apontar para a presença de prédios e moradias. Podemos notar o elemento subjetivo que percorre todo o relato também quando a autora fala na cidade, dado que para descrevê-la ela usa termos tipicamente subjetivos, como “encanto dos olhos” e “ar de importância”.

Este inicial desabrochar das cidades brasileiras é um sinal do fenômeno chamado “modernização”, do qual falou Walter Benjamin; e como, segundo ele, é no século XIX que este fenômeno vem à tona com mais intensidade, este processo foi muito rápido, o que causou um choque entre o velho e o novo, porque o mundo não estava preparado para tantas novidades. Este choque causado por inovações pode ser notado na preocupação com a questão sanitária nas grandes cidades nesta época. Dado o rápido crescimento das metrópoles, era preciso estruturá-las para comportar tantas pessoas e habitações, o que levou os europeus a tomarem medidas especiais concernentes à limpeza dos centros urbanos: organizar bons sistemas de esgoto e providenciar a limpeza das ruas, por exemplo. José Carlos Barreiro comenta esta questão em *Imaginário e viajantes no Brasil do século XIX: cultura e cotidiano, tradição e resistência*: “A problemática do espaço urbano no Brasil esteve orientada pela questão urbana européia e pela idéia sanitária.” (BARREIRO, 2002, p. 67). Mais adiante ele reitera que: “(...) instituiu-se progressivamente a redefinição do espaço da cidade, com

base na sua problematização a partir da chamada questão urbana. A idéia sanitária surge nesse mesmo período, acoplada à questão urbana (...). (BARREIRO, 2002, p. 68)

Com relação a isto, Graham não foge à regra e aponta para as parcas condições de limpeza das cidades brasileiras em mais de um momento em seu relato. Um dia, após andar pelas ruas de Salvador a narradora comenta: “Adiante fica uma série de arcadas com lojas de ourives, joalheiros e de armarinho e suas mercadorias miúdas; além, casas de melhor aparência; mas há falta de limpeza e dessa arte de fazer com que as coisas pareçam bem, que atrai o comprador na Inglaterra e na França.” (GRAHAM, 1990, p. 170) Por já trazer as idéias de higienização da Europa, a viajante deixa transparecer um certo estranhamento ao andar pela cidade, pois estas idéias ainda não estavam sendo postas em prática por aqui. Fica implícita a sua sensação de desconforto ao passear pela cidade baixa, o que se nota através de observações como “a arte de fazer com que as coisas pareçam bem”, o que, segundo ela, aqui faltava.

Nestas passagens também se pode perceber o fato de que o Brasil ainda não estava preparado para este fenômeno chamado “cidade”, pois fica evidente o quanto estas cidades (Salvador, neste caso) eram ainda desorganizadas e despreparadas em suas estruturas. Não havia um serviço regular de limpeza das ruas, a administração não provia serviços de coleta de lixo e este era jogado onde o cidadão bem entendesse, o abastecimento de água ainda era precário e não havia sistemas de esgoto.

As idéias de higienização estão diretamente vinculadas com a questão do olfato, dado que um dos motivos para os europeus quererem limpar as suas cidades era não apenas para melhorar seu aspecto, mas também amenizar o mau cheiro causado pela aglomeração de tantas pessoas nas metrópoles:

A problemática vinculada à questão do olfato no século XIX privilegia, sobretudo, o aroma de natureza vegetal capaz de atrair “a delicadeza do nariz europeu”. (...)

determinados ramos do saber, como a antropologia e a medicina, enfatizavam o declínio dos perfumes animais e construíam justificativas para a moda dos aromas vegetais. (BARREIRO, 2002, p. 70)

Ainda passeando por Salvador, Maria Graham se mostra enojada com o cheiro no interior de uma igreja, que, apesar de agradar a narradora por ser bela, causa-lhe um tremendo desconforto, visível através do termo “repugnante”: “Andei pela maior parte da cidade. A parte baixa se estende muito além do que pude ver no dia em que desembarquei. Contém poucas igrejas, uma delas, pertence a um mosteiro d’A Conceição, é muito bela, mas o cheiro do interior é repugnante.” (GRAHAM, 1990, p. 170)

Mas o estranhamento dos viajantes europeus perante as cidades brasileiras não pára por aqui. Além da questão da falta de limpeza, os viajantes também tinham em seu imaginário uma imagem de falta de segurança em nossas cidades, o que muitas vezes os levava a ver os traçados irregulares das ruas como labirintos confusos que acobertavam crimes. Maria Graham, não fugindo à regra dos viajantes europeus, também observa este aspecto ao passar pela cidade de Salvador:

A polícia aqui está num estado de desbarato. O uso do punhal é tão freqüente que os assassinios secretos geralmente atingem duas centenas por ano, compreendendo as duas cidades, a alta e a baixa. Para esse malefício contribuem grandemente a escuridão e a inclinação das ruas, que proporcionam uma quase certeza de fuga. O intitulado *Intendente de Polícia* é também juiz superior em matéria criminal. Não há lei, contudo, que estabeleça os limites de sua jurisdição, ou dos seus poderes, nem do Tenente-coronel de Polícia. Este convoca alguns soldados de qualquer guarnição sempre que tem de agir, e designa patrulhas militares também tiradas dos soldados em serviço. Acontece freqüentemente que pessoas acusadas perante este formidável funcionário são detidas e aprisionadas por anos, sem nunca serem levadas a julgamento (...). (GRAHAM, 1990, p. 173)

Neste trecho da narrativa se pode observar a imagem da cidade como labirinto, uma imagem recorrente na representação da cidade, como observa Walter Benjamin, pois ele também a ela recorre para falar da cidade. A comparação entre ruas e labirintos vem da idéia de que, quanto maior a cidade, mais fácil de se perder, tal qual num labirinto. Especialmente na passagem de Graham citada acima, podem-se perceber as ruas como um lugar de possibilidade de perda e esconderijo, o que se pode notar em palavras como “escuridão” e “inclinação”.

O aspecto labiríntico de uma grande cidade, na verdade, não está relacionado a sua arquitetura propriamente dita, mas sim com a impressão que esta causa nas pessoas. Brigitte Couchaux aponta para este aspecto: “O labirinto é antes de mais nada uma imagem mental, uma figura simbólica que não remete a nenhuma arquitetura exemplar, uma metáfora sem referente.” (COUCHAUX, 1988, p. 556) A pesquisadora apresenta dois tipos de labirintos: aqueles que seguem um único caminho, e os que se estendem em múltiplas direções, que seria o caso dos espaços urbanos. Além disto, ela também contrapõe a idéia de labirintos naturais, como a floresta ou o sonho, com a de labirintos artificiais, que seriam os livros ou as cidades.

Sendo assim, as idéias de desorganização e insegurança das cidades brasileiras da época, aliadas à imagem labiríntica, faziam parte do imaginário dos viajantes europeus, como atesta Barreiro:

Afora a percepção olfativa dos viajantes sobre a cidade, é possível ainda desvendar o imaginário social contido nesses relatos a partir da descrição das ruas e logradouros públicos. As ruas estreitas, tortuosas, inclinadas e irregulares em todos os sentidos, são objeto de insistentes observações dos viajantes estrangeiros e parecem constituir importante mecanismo de projeção da miragem da visibilidade total, típica do século XIX (...). (BARREIRO, 2002, p. 76)

No trecho do relato de Maria Graham sobre a insegurança de Salvador, se tem, aliado à questão do traçado das ruas, a questão da segurança, também um assunto recorrente quando se fala de grandes cidades. Como se pode perceber, a narradora registra a desorganização do sistema de controle da polícia na cidade de Salvador, pois se cometiam muitas injustiças. Já se percebe aí o uso da violência para se controlar a cidade, porque a partir do momento em que se tem um lugar maior, com mais gente, é preciso por vezes se fazer uso da força e da violência para se manter a ordem.

Walter Benjamin aponta para o fato de que o surgimento das grandes cidades levou à tentativa de organização pelo uso da autoridade desmedida da polícia, o que revela um outro fenômeno da cidade grande: a violência. Tanto a violência dos criminosos, que se prevalecem do anonimato da cidade grande para cometerem seus delitos, quanto a violência da polícia, que usa de sua força para manter o controle e a ordem da cidade.

Entretanto, a despeito deste estranhamento ante as condições de precariedade das cidades brasileiras, Maria Graham também apreciava muitas das coisas que via. Quando ela descreve estas coisas agradáveis em seu relato, também se percebe o cunho subjetivo deste. Ao contemplar nossas cidades ela admira e se encanta com fenômenos que, pelo menos aparentemente, não seriam de importância, mas que para a narradora acabam se tornando especialmente interessantes. Graham percebeu como exóticos e pitorescos vários aspectos de nossas cidades. Quando esteve no Rio de Janeiro ela acompanhava os cortejos que aclamavam o Príncipe e a Princesa quando estes saíam à rua por alguma ocasião especial, e em uma destas ocasiões a viajante observa maravilhada a iluminação especial da cidade, dando à narrativa um toque de encantamento de sua parte:

E tudo na cidade, que estava brilhantemente iluminada, correu na maior harmonia.

Não há nada mais belo no gênero do que tal iluminação vista do mar.

Os numerosos fortes à entrada do porto, nas ilhas e na cidade, ficam cada um com suas fachadas desenhadas em luz; tornam-se assim castelos encantados de fogo, e as luzes espalhadas da cidade e dos vilarejos ligam-nos com um milhão de brilhantes correntes. (GRAHAM, 1990, p. 219)

Aqui os traços poéticos e subjetivos do relato se mostram sob alguns aspectos: através da sensação de harmonia que a narradora sente com relação à cidade, seu encantamento ao observar a iluminação vista do mar e o uso de metáforas como “castelos encantados de fogo” e “brilhantes correntes” para falar das luzes da cidade. Simples fortes do porto ganham magia ao serem comparados a castelos e a iluminação das casas se transforma em jóias ao ser comparada a brilhantes correntes.

Para quem é de fora parece ser mais fácil ter interesse por coisas a princípio comuns, como a iluminação e as noites. Este fenômeno é explicado por Walter Benjamin, para justificar o colorido do relato de um viajante sobre uma cidade:

Se dividirmos os retratos existentes de cidades em dois grupos, conforme o lugar de nascimento do autor, perceberemos que os escritos por autóctones são minoria. O motivo superficial, o exótico, o pitoresco só atrai os de fora. Para o autóctone obter a imagem de sua cidade, são necessárias motivações diferentes (...). (apud BOLLE, 2000, p. 316)

Em conclusão, ao observarmos os trechos do diário de Maria Graham citados neste trabalho, percebemos a tendência da autora de falar sobre a sua pessoa, seus sentimentos e sensações com relação ao mundo a sua volta, e como ela lida com este mundo. À medida que a narradora vai relatando aquilo que vê, ela não apenas descreve a paisagem, mas mostra esta refletida na sua subjetividade, permeando suas descrições com momentos poéticos que demonstram o fascínio e a curiosidade típicos do viajante.

**ABSTRACT:** This report is going to analyze *Diário de uma viagem ao Brasil*. This text was written by an English traveler, Maria Graham, who stayed in Brazil from 1821 until 1823. This analysis is going to be based on *Os olhos do império*, written by Mary Louise Pratt, and *O Brasil não é longe daqui: o narrador, a viagem*, written by Flora Süssekind. According to these essays, the reports of the travelers during the nineteenth century followed two distinct patterns: they were either quite objective, mainly presenting scientific content, or subjective, mainly presenting the narrator's personal impressions towards the environment around him or her. Maria Graham's text is considered subjective, given that this traveler puts her personal experiences as the center of the narrative, and these experiences show all her emotions and sensations towards the places she visited. Besides, this report was mainly written during her stay in urban areas, so her impressions towards the cities are going to be analyzed according to Walter Benjamin's reflections upon what he called "Modernization"; and according to José Carlos Barreiro, who analyzes European travelers' conceptions about the cities in our country in the nineteenth century.

**Keywords:** Travel Literature, Maria Graham, subjectivity

## REFERÊNCIAS

BARREIRO, José Carlos. *Imaginário e viajantes no Brasil do século XIX: cultura e cotidiano, tradição e resistência*. São Paulo: Editora UNESP, 2002.

BENJAMIN, Walter. "Paris, capital do século XIX". In *Walter Benjamin*. São Paulo: Ática, 1985. p. 30-43.

BENJAMIN, Walter. "A Paris do Segundo Império em Baudelaire". In *Walter Benjamin*. São Paulo: Ática, 1985. p. 44-122.

- BOLLE, Willi. *Fisiognomia da metrópole moderna*. São Paulo: EDUSP, 2000.
- COUCHAUX, Brigitte. “Labirinto”. In BRUNEL, Pierre (org). *Dicionário de Mitos Literários*. Brasília: Editora UnB, 1988. p. 555-581.
- GOMES, Renato Cordeiro. *Todas as cidades, a cidade: literatura e experiência urbana*. Rio de Janeiro: Rocco, 1994.
- GRAHAM, Maria. *Diário de uma viagem ao Brasil*. São Paulo: Itatiaia, 1990.
- PRATT, Mary Louise. *Os olhos do império: relatos de viagem e transculturação*. Bauru: EDUSC, 1999.
- SANTOS, Paulo Ferreira. *Formação das cidades no Brasil Colonial*. Rio de Janeiro: Editora UFRJ, 2001.
- SÜSSEKIND, Flora. *O Brasil não é longe daqui*. São Paulo: Cia. das Letras, 1990.
- ZIEBELL, Zinka. *Terra de Canibais*. Porto Alegre: Editora UFRGS, 2002.